

No. 170
JAN-MAR
ANO 27/2017

farj@riseup.net
www.farj.org
Cx. Postal 14576
CEP 22410-971
Rio de Janeiro/RJ - Brasil



INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO ANARQUISTA DO RIO DE JANEIRO - FARJ
ORGANIZAÇÃO INTEGRANTE DA COORDENAÇÃO ANARQUISTA BRASILEIRA - CAB

A GREVE GERAL COMO UMA FERRAMENTA DA CLASSE TRABALHADORA

O ano de 2017 é simbólico para a memória os trabalhadores brasileiros, pois comemoramos 100 anos da nossa primeira grande greve geral. Ao mesmo tempo, vivemos um momento político duríssimo para a classe trabalhadora, com o atual governo atacando os direitos mais básicos, que foram conquistados com décadas de luta e resistência. Desmantelam os direitos trabalhistas, destroem a previdência, regularizam a terceirização e vendem nossas riquezas, privatizando diversas empresas.

É nesse contexto que as grandes centrais sindicais propõem uma “greve geral” para o dia 28 de abril. Refletindo sobre a trajetória de luta do movimento operário, nos perguntamos: a proposta dessas centrais é realmente construir uma Greve Geral? A paralização do dia 28 será suficiente para enfrentar todo o retrocesso imposto pelo atual governo e pelas grandes empresas? Qual a nossa concepção de greve geral?

Greve Geral de 1917: análise do passado e do presente

A experiência da grande greve geral de 1917 marcou a história da classe trabalhadora e do anarquismo no

Brasil. Construída a partir do acúmulo de anos de mobilização e organização do movimento operário, desde a grande greve de 1903, passando pelo 1º Congresso Operário Brasileiro de 1906 e o 2º Congresso em 1913, foi a grande greve de 1917 que marcou a memória das lutadoras e lutadores.

Naquele período, grandes greves aconteciam em diferentes partes do mundo, protagonizadas em esmagadora maioria pelo sindicalismo revolucionário e o anarco-sindicalismo, ambos com participação determinante dos/as anarquistas. Tanto o sindicalismo revolucionário quanto o anarco-sindicalismo eram estratégias da ideologia anarquista para o movimento de massas. No caso do sindicalismo revolucionário brasileiro, este defendia a neutralidade sindical, o que não significava ficar alheio ao que se passava no país e no mundo, mas sim, não tornar os sindicatos um palanque ou parlamento eleitoral. Se organizavam de maneira federalista, o que hoje chamaríamos de tomar decisões “pela base”, respeitando as instâncias e assembleias de base dos trabalhadores e construindo as decisões, sempre de baixo para cima, sem burocracia sindical. Defendiam a solidariedade de classe entre os

trabalhadores e a greve geral, entendendo a organização e articulação entre as categorias como um pré-requisito para um movimento grevista não ser derrotado pelo seu isolamento. Adotavam a sabotagem e o boicote contra patrões e fura-greves, e batalharam para construir uma cultura operária libertária e rebelde, mediante centros culturais, bibliotecas populares, festivais, peças teatrais e jornais. Esse componente cultural servia para formar e atrair mais trabalhadores para a discussão dos seus problemas.

No Brasil, o sindicalismo revolucionário era a estratégia sindical mais forte nos sindicatos e também a mais defendida pelo anarquismo. Em 1906, esta corrente foi hegemônica na fundação da primeira central sindical do país, a Confederação Operária Brasileira (COB). Desde o início do ano de 1917, os sindicalistas revolucionários e anarquistas da então Capital Federal, organizados na Federação Operária do Rio de Janeiro (FORJ), se mobilizavam contra os altos preços dos alimentos (“carestia de vida”), situação que se agravava devido à 1ª Guerra Mundial.

Em junho de 1917, uma greve no setor têxtil em São Paulo se expandiu para outras categorias, havendo inclusive a formação de um Comitê de Defesa Proletária. O crescimento do movimento grevista provocou

combates entre operários e policiais, causando a morte do jovem sapateiro anarquista José Martinez no dia 9 de julho, que serviu de estopim para o início da greve geral. Três dias depois, dezenas de milhares de trabalhadores/as aderiram à greve, armazéns foram saqueados e barricadas montadas nas ruas dos bairros operários.

O movimento, apesar da forte repressão policial, conseguiu algumas conquistas, tais como aumento de salário em 20%, a não-demissão dos grevistas, libertação dos presos durante a greve, fiscalização do trabalho infantil e a defesa dos direitos das mulheres nas fábricas, que sofriam diversas violências pelos contra-mestres e patrões.

Em agosto de 1917 estourou no Rio de Janeiro uma greve têxtil com forte protagonismo das mulheres, que se tornou uma insurreição quando soldados do Exército passaram para o lado dos grevistas e enfrentaram a polícia, resultando em um civil e dois soldados rebeldes mortos.

A Revolução Russa, que contou com forte participação anarquista nos seus primeiros anos, animava os grevistas brasileiros a lutarem por seus direitos e, em 1918, trabalhadores e trabalhadoras acirrarão a luta pela conquista das oito horas de trabalho

(continua na página seguinte)

Nesta Edição

SAUDAMOS O 8 DE MARÇO, DIA DE LUTA DAS MULHERES... *pág 2*

COMPOSIÇÃO DE CLASSE E BASE SOCIAL DO ANARQUISMO - LUCIEN VAN DER WALT... *pág 3*

NOTA DE REPÚDIO À CONDENAÇÃO DE RAFAEL BRAGA A 11 ANOS DE PRISÃO... *pág 4*

NAS BOCAS...

“Não se engane achando que os ricos entregarão suas riquezas pelo voto”

Lucy Parsons

(continuação da página anterior)

lho. Em Niterói/RJ, uma greve que começou na Companhia Cantareira e da Viação Fluminense, acabou com protesto e combates de rua, com relatos de algumas deserções nas fileiras militares que foram reprimir os trabalhadores. Os trabalhadores também formaram um comite revolucionário clandestino em 18 de novembro de 1918 para organizar a greve e a insurreição. As fábricas de tecido do Rio de Janeiro, Niterói, Petrópolis e Magé paralisaram suas atividades, havendo enfrentamentos entre manifestantes e policiais. A delegacia policial de São Cristóvão foi ocupada e duas torres da Light explodidas. Longe de ser uma insurreição descolada das massas, esse evento foi realizado com a organização e a luta de aproximadamente 100 mil grevistas.

Esse contexto de avanço das lutas sindicais se estenderia até 1924, contando com diversas greves gerais e setoriais, além de grandes manifestações de rua. É nesse cenário que diversos direitos trabalhistas foram conquistados. Em 1919, grande parte das categorias de trabalhadores alcançam as oito horas de trabalho, pauta histórica do movimento operário em todo o mundo. Nesse mesmo ano, foi aprovado o Código Sanitário, que além de garantir condições mínimas de trabalho para todos, proibiu o trabalho infantil para menores de 14 anos e o trabalho feminino noturno. Essa lei também previu a primeira licença maternidade do país: 30 dias de folga para as trabalhadoras antes e depois do parto. Todas essas conquistas foram, evidentemente, pautas do movimento operário desde as greves de 1917. A greve transcendeu São Paulo e o Rio de Janeiro e também teve influência nos movimentos grevistas da Bahia e em outros estados.

A repressão estatal nessas primeiras décadas do século XX produziu milhares de presos, centenas de

deportados e dezenas de mortos, a maioria destes anarquistas. Apesar de golpeada pelo governo da época a mando dos patrões, a grande greve geral de 1917 deixou importantes lições para a classe trabalhadora brasileira: apenas a luta garante direitos.

A luta pela defesa de nossos direitos hoje

Vivemos em um momento emblemático para a luta da classe trabalhadora. O atual governo nos golpeia a cada momento com um novo ataque aos nossos direitos. Diante deste cenário nefasto, urge a necessidade de mobilização e organização dos trabalhadores e trabalhadoras para enfrentar esse retrocesso.

Há tempos os setores de esquerda clamam pela necessidade de uma Greve Geral, que seja capaz de reunir os diversos setores da classe trabalhadora e concentrar uma força social capaz de pressionar o governo e os patrões. Depois de tanto silêncio e indiferença, as direções das maiores centrais sindicais do país reuniram-se e lançaram a proposta de uma suposta “greve geral” para o dia 28 de abril.

Em primeiro lugar, apoiamos e defendemos a necessidade de uma greve geral e de protestos que façam a classe dominante recuar em seus ataques. Em segundo lugar, achamos que essa proposta não representa bem uma Greve Geral. Podemos chamá-la por seu nome: paralisação. Em terceiro lugar, entendemos que tal paralisação é completamente insuficiente para enfrentar os desafios que se colocam à nossa frente.

Um dia de paralisação não é capaz de parar a produção do país nem de acumular força social para construir a necessária resistência. Além disso, o fato mais indigesto – mas não surpreendente – é a tentativa de transformar a paralisação em grandes showmícios, despolitizando completamente o evento e tornando

nossa ação inofensiva às classes dominantes.

Dessa forma, as burocracias sindicais pisam na luta dos trabalhadores e cospem em sua memória de luta, esvaziando o significado de suas ferramentas de resistência e desmobilizando qualquer possibilidade de enfrentamento. A irresponsabilidade desses atos é ainda mais profunda quando temos em mente o peso que esse retrocesso significará para todos os trabalhadores.



No entanto, como dissemos, esses fatos não nos surpreendem. Não é de hoje que as centrais sindicais burocratizadas cumprem esse papel nefasto. Inclusive, não temos motivos para duvidar das recentes delações, feitas por grandes empresários, que acusam os dirigentes de grandes centrais sindicais de receberem dinheiro para encerrar greves e desmobilizar os trabalhadores (CUT, Força Sindical etc). Na prática, sabemos que esse é o principal papel histórico do sindicalismo reformista: amaciar a luta de classes e instalar gestores sindicais que serão

os políticos e os burocratas do sistema de dominação de amanhã.

A saída é por baixo e pela esquerda

Olhando para a história do movimento operário no Brasil, aprendemos que o avanço das lutas dos trabalhadores, a massificação dos movimentos e a construção de uma Greve Geral não é algo que ocorre da noite para o dia: é fruto de muito trabalho de base, de mobilização e organização da classe trabalhadora. A questão é que as burocracias sindicais, velhas conhecidas dos patrões e governos, não parecem ter qualquer interesse em realizar essa construção e querem construir uma base social para garantir as eleições de 2018 e de seu “messias” Luis Inácio Lula da Silva.

Resta aos setores autônomos, às oposições de esquerda anti-capitalista e organizações revolucionárias que não possuem rabo preso com o patronato, com governos ou com as próximas eleições, trabalharem para massificar as lutas e irem às ruas nesse dia 28. E isso significa abandonar a cultura ativista do “fazer o que aparece” ou “quando dá”.

Abandonar a cultura política de apenas “ir nos atos”, mas encarar um protesto e uma greve como resultado de um trabalho anterior que é feito todos os dias. Sabemos que como força política minoritária, o anarquismo – e de maneira mais ampla a esquerda anticapitalista não-eleitoral – para se apresentar como alternativa deve conseguir acumular força social à partir das lutas do presente.

Por isso, nós da FARJ modestamente defendemos a construção cotidiana de movimentos populares/estudantis/sindicais (do campo e da cidade). É a partir da base, que os trabalhadores podem defender seus direitos e lutar pelos seus interesses. É na atuação nos bairros/favelas/ocupações, nos sindicatos, universidades e escolas do campo e da cidade que construímos força social para começar a mudar essa realidade e caminhamos em direção ao poder popular.

Ir às ruas contra o golpe nos direitos! Só a luta popular decide!

Organizar o povo, ocupar as ruas! Ação direta contra o Capital!

SAUDAMOS O 8 DE MARÇO, DIA DE RESISTÊNCIA DE LUTA DAS MULHERES!

Para saudar e relembrar o 8 de março, as mulheres da Federação Anarquista do Rio de Janeiro (FARJ) organizaram algumas atividades nos dias 5 e 6 de março

No dia 5 foi realizada no Centro de Cultura Social (CCS-RJ) uma atividade interna onde foi feita a leitura em grupo da nota da do 8 de março da Coordenação Anarquista Brasileira (CAB). A atividade contou também a presença de alguns/algumas companheir@s próximos à organização, pertencentes a movimentos sociais ou não. A leitura da nota resultou em um ótimo debate sobre a situação das mulheres em nossa conjuntura política atual e merece que nós façamos esse relato para que não caia no esquecimento e possa servir de acúmulo para a nossa organização.

No dia 6 fizemos uma atividade pública convocando mais uma vez companheiros e companheiras próximos a nossa organização, onde foi realizado um muralismo muro da ferrovia, em São Cristóvão (zona norte do Rio de Janeiro). A imagem que pintamos retrata a união de mulheres que vivem lutas diferentes, mas que se juntam para enraizar o feminismo em nossas lutas sociais e do dia a dia.



A FARJ, juntamente com integrantes do Movimento de Organização de Base (MOB), também esteve presente no ato do Dia Internacional de Luta das Mulheres, no centro do Rio. Distribuímos a nota da CAB e do nosso jornal (Libera), levamos bandeiras e faixas com a seguinte consigna: Enraizar o feminismo nas lutas sociais! O dia 8 de março é um dia importante para a história das mulheres e é também um dia de luta e resistência que merece e deve ser lembrado e saudado por nós, anarquistas.

Estamos juntas e juntos, lado a lado, de todas as mulheres que são vítimas todos os dias do patriarcado, do capitalismo e do Estado. Estamos juntas, lado a lado, e seguimos fortes na resistência contra o machismo dentro da própria esquerda, seja dentro de movimentos sociais e/ou do próprio anarquismo. Estamos juntas, ombro a ombro, prestando toda solidariedade as nossas diversas lutas e assim caminharemos, juntas umas apoiando as outras, sempre seguindo em frente e nunca para trás.

Arriba las que luchan! Todas juntas e juntos, ao lado das de baixo, sempre na luta e resistência contra o patriarcado!

Viva o 8 de março! A revolução será feminista, ou não será!

COMPOSIÇÃO DE CLASSE E BASE SOCIAL DO ANARQUISMO NA HISTÓRIA – LUCIEN VAN DER WALT

Discordo do estereótipo que apresenta o anarquismo como um movimento e uma religião seculares, voltados para uma pequena burguesia de artesãos e camponeses arruinados pela modernidade; “classes sociais que estavam fora de sintonia com a tendência histórica dominante”, “postas de lado pelo [...] progresso industrial” e “ameaçadas” pela “indústria e a mecanização”, lideradas por burgueses e pequeno-burgueses arruinados e compostas por camponeses decadentes e artesãos raramente “envolvidos na centralização ou na industrialização” e que aspiravam um retorno a um passado pré-moderno. Ao contrário disso, o movimento anarquista foi historicamente baseado predominantemente na moderna classe trabalhadora, ou seja, no proletariado.

Foi, sobretudo, entre a classe operária urbana e os trabalhadores rurais que a ampla tradição anarquista encontrou seus recrutas; e encontrou-os aos milhões. Contrariamente ao senso comum de que o sindicalismo era um movimento composto por artesãos qualificados, as organizações sindicalistas foram essencialmente constituídas por grupos de pessoas como, por exemplo, trabalhadores ocasionais e sazonais, estivadores, trabalhadores rurais, operários, mineiros e ferroviários, e, em menor medida, funcionários administrativos e profissionais liberais, em especial professores. Processos de desespecialização e reestruturação produtiva desempenharam um papel importante para atrair alguns para o sindicalismo, mas o movimento como um todo atraiu um grande número de trabalhadores não qualificados e semiquilificados.

A ampla tradição anarquista também teve um apelo significativo para o camponato e houve grandes movimentos camponeses anarquistas – que combateram o poder dos latifundiários, os capitalistas rurais e do Estado, em especial onde começava a ocorrer a comercialização –, mais notavelmente na Coreia/Manchúria, no México, na Espanha e na Ucrânia. Mas os movimentos anarquistas e sindicalistas mais duráveis conformaram-se em torno da classe trabalhadora, incluindo a classe trabalhadora rural, vinculada à agricultura e às florestas.

[1] Notas no texto original.

* Este texto é um excerto do artigo “Revolução Mundial: para um balanço dos impactos, da organização popular, das lutas e da teoria anarquista e sindicalista em todo o mundo”. Este artigo pode ser encontrado na página do Instituto de Teoria e História Anarquista (ITHA).



Nota de repúdio à condenação de Rafael Braga a 11 anos de prisão

Dia 20 de abril, quinta-feira, foi publicada no site do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro a sentença relativa à segunda prisão de Rafael Braga, ocorrida em 12 de janeiro de 2016. Rafael foi condenado a 11 anos de prisão por tráfico e associação ao tráfico. Depois de sair da prisão em condicional e monitorado por uma tornozeleira, cumprindo condenação de quase 5 anos por porte de garrafas de Pinho Sol e água sanitária durante as manifestações de 2013, ele foi detido por policiais da UPP da Vila Cruzeiro na Cascatinha, favela da região onde mora com a sua família. Os policiais forjaram um “kit flagrante” (droga e morteiros) como é de costume em regiões periféricas e de maioria negra. Para mais detalhes do histórico do caso do Rafael, acesse: <https://libertemrafaelbraga.wordpress.com/>.

Repudiamos veementemente mais essa condenação impingida pela “Justiça” e nos solidarizamos com o Rafael Braga, com a campanha que luta pela sua liberdade e com sua família, especialmente sua mãe, Dona Adriana. Modestamente, ajudamos a construir a campanha desde 2014 e temos acompanhado de perto as arbitrariedades do sistema judiciário brasileiro.

Amparado por leis nitidamente supremacistas, o judiciário com sua história estruturalmente **racista** e **elitista**, encontra todas as brechas que quer para continuar encarcerando o povo negro.

A suposta guerra às drogas, por exemplo, não passa de um aval das elites e de grande parte da classe-média brancas para que a Polícia Militar invada as favelas dando curso ao genocídio e encarceramento da população pobre, de maioria negra.

Nesse ponto, devemos escutar com atenção e repassar a mensagem dos moradores das favelas e integrantes do Movimento Negro: todos os partidos que governaram o Brasil seguiram com essa política de genocídio. Outro ponto é a Súmula 70 que diz: “O fato de restringir-se a prova oral a depoimentos de autoridades policiais e seus agentes não desautoriza a condenação.” Ou seja, esta súmula, que funciona no judiciário do RJ permite que qualquer pessoa seja condenada mesmo que a única testemunha seja policial, o que facilita a prática de provas forjadas por parte de PMs nas favelas e periferias.

LIBERTEM



Enquanto anarquistas, declaramos nosso apoio irrestrito à **Campanha pela Liberdade do Rafael Braga** e à luta anticárcere e antirracista. É fundamental que as forças da esquerda anticapitalista, as organizações políticas e movimentos populares do Brasil e de outras partes do mundo se somem a essa campanha. **Libertem Rafael Braga! Justiça racista e burguesa!** **Solidariedade é mais que palavra escrita.**

ram com essa política de genocídio. Outro ponto é a Súmula 70 que diz: “O fato de restringir-se a prova oral a depoimentos de autoridades policiais e seus agentes não desautoriza a condenação.” Ou seja, esta súmula, que funciona no judiciário do RJ permite que qualquer pessoa seja condenada mesmo que a única testemunha seja policial, o que facilita a prática de provas forjadas por parte de PMs nas favelas e periferias.

Enquanto anarquistas, declaramos nosso apoio irrestrito à **Campanha pela Liberdade do Rafael Braga** e à luta anticárcere e antirracista. É fundamental que as forças da esquerda anticapitalista, as organizações políticas e movimentos populares do Brasil e de outras partes do mundo se somem a essa campanha.

Libertem Rafael Braga! Justiça racista e burguesa!

Solidariedade é mais que palavra escrita.

Notícias Libertárias

Revista Socialismo Libertário: O que é anarquismo? - Lançado em março mais um número da Revista da Coordenação Anarquista Brasileiro (CAB). Neste número discute o tema anarquismo e estratégia. Ele envolve questões que a Coordenação Anarquista Brasileira (CAB), têm debatido com afinco no último período, tanto internamente nas organizações, como entre as próprias organizações, que se articulam de norte a sul do país. Complementa esta edição da revista uma breve homenagem aos 80 da Revolução Espanhola que, juntamente com outros marcos históricos – como os 60 anos da Federação Anarquista Uruguia, os 110 anos do primeiro Congresso Operário Brasileiro, os 90 anos da Plataforma Organizacional – e contemporâneos – dentre os quais destacamos o crescimento orgânico que tivemos no último período –, nos motivam permanentemente a continuar nossa luta.

Repressão e prisões em Cachoeirinha: A Brigada Militar desocupou com violência a Câmara de Vereadores de Cachoeirinha. Foram utilizadas bombas de efeito moral e balas de borracha contra os/as trabalhadores municipais que em greve contra o pacote de austeridade do governo municipal ocuparam a Câmara de Vereadores no dia 29 de março.

Cerca de 15 pessoas ficaram feridas e 02 companheiros e 01 companheira foram presos e levados para a delegacia de pronto atendimento.

Por um sindicalismo de base e re-

volucionário! Que a ação militante construa exemplos de um sindicalismo de base e organizado pelos/as trabalhadores/as!

Contra o ajuste, luta e organização!

Veja

**Fantasiada de informação
A mentira é inteligente
Em busca de legitimação**

**Ela não vive só de quem
mente**

**Pois não basta a difamação
Se não houver quem a
alimente**

**Precisa, além do mentiroso,
De um ouvido atencioso.**

Rodrigo Thurler

**“A prática de agir sob a
responsabilidade individual
deve ser decisivamente
condenada e rejeitada
nas fileiras do movimento
anarquista. As áreas da
vida revolucionária, social
e política são, antes de
tudo e por sua natureza,
profundamente coletivas”**

**A Plataforma Organizacional da
União Geral dos Anarquistas.**

**Grupo de anarquistas russos
no estrangeiro**

BIBLIOTECA SOCIAL FÁBIO LUZ - Fundada em 18 de novembro de 2001
Entre em contato e faça uma visita: <http://bibliotecasocialfabioluz.wordpress.com>

Libera, 2.000 exemplares. Agradecemos a todas/os que fazem esta publicação ser possível, até as/os mais anônimos colaboradoras/es.

Se tem interesse de distribuir ou contribuir com o Libera entre em contato: farj@riseup.net



José Oiticica

SITES - BRASIL: CAB: www.vermelhoenegro.net | CABN/SC www.cabn.libertar.org | ORL/CE www.resistencia.libertaria.org | OASL/SP www.anarquismosp.org | FAG/RS www.federacaoanarquistagaucha.org | Rusga Libertária/MT <http://rusgalibertaria.noblogs.org> | FARPA/AL <https://farpaal.wordpress.com> | CALC/PR <http://anarquismopr.org.wordpress.com> | OAZ/PI <https://oazblog.wordpress.com> | FACA/PA <http://resistenciacabana.noblogs.org> | FAE/BA <https://faebahia.wordpress.com> | COMPA/MG www.coletivocompa.org | **ÁFRICA DO SUL:** ZACF www.zabalaza.net | **ARGENTINA:** FAR: <http://federacionanarquistaderosario.blogspot.com.br> | **COLÔMBIA:** Grupo Libertario Via Libre: <http://grupolibertariovialibre.blogspot.com.br> | **BOLÍVIA:** OARS www.oars.tk | **COSTA RICA:** Pró-FAC (Círculo de Estudos La Libertad) <http://revistalalibertad.blogspot.com> | **FRANÇA:** Alternative Libertaire <http://www.alternativelibertaire.org> | CNT Vignoles www.cnt-f.org | **MÉXICO:** AMZ <http://espora.org/amz> | CAMA <http://espora.org/cama> | **PERU:** USL www.uslperu.blogspot.com | **URUGUAI:** FAU <http://federacionanarquistauruguay.com.uy> | **EUA/CANADÁ:** Black Rose/Rosa Negra: <http://www.blackrosefed.org> | NEFAC www.nefac.net | UCL www.causecommune.net | **ITÁLIA:** FdCA-Alternativa Libertária www.fdca.it | **IRLANDA:** WSM www.wsm.ie | **ESPAÑA:** CNT www.cnt.es | CGT www.cgt.org.es | EMBAT (Catalunha) <http://embat.info/> | **Anarkismo.net:** www.anarkismo.net